



COMITÊ DO FUTURO

EDUCAÇÃO TRANSFORMADA: DECISÕES QUE MOLDAM O FUTURO DO TERRITÓRIO

MAIO DE 2026



IDENTIFICAÇÃO TÉCNICA DA PUBLICAÇÃO**Título do Estudo:**

Educação Transformada: decisões que moldam o futuro do território

Tipo de Documento:

Estudo Técnico

Autores:

Gustavo Casarotto

Local e ano:

Nova Petrópolis/RS - 2026

Palavras-Chave:

Educação territorializada, Foresight comunitário, Inovação pedagógica, Governança educacional, Desenvolvimento regional

COMITÊ DO FUTURO

Alsones Balestrin	Igor Gaelzer
Carine Bruxel	Juliane Mello
César Panisson	Junior Utzig
Claudio Meneguzzi	Leandro Gindri de Lima
Daiana Monzon	Livio Bruno
Daiana Schwengber	Marcus Rossi
Daniel Ely	Robinson Klein
Eliane Davila	Ruben Bisi
Felipe Menezes	Salissa Paes Festugato
Fernando Maldaner	Samuel Fuhr
Franco Bria	Sandro Cortezia
Giane Brocco	Silvio Bittencourt
Gustavo Casarotto	Ubirata Rezler

SUMÁRIO

Contexto	01
Comitê do Futuro	02
Radar de Futuros	02
Problema	03
Objetivo	03
Os Modelos Pedagógicos de Referência	04
Potenciais Projetos para Desenvolvimento	04
O Contraturno como Laboratório de Inovação	04
A Escola da Comunidade	05
O que a Escola da Comunidade oferece	05
Como funcionaria na prática	06
O Instituto de Inovação Educacional	06
O processo de transformação das escolas	06
Estratégia de expansão	06
O Novo Modelo de Gestão Escolar	06
O novo modelo de carreira docente	07
A transição dos professores atuais	07
Intervenções Propostas	07

EDUCAÇÃO TRANSFORMADA: DECISÕES QUE MOLDAM O FUTURO DO TERRITÓRIO**CONTEXTO**

As regiões da Serra Gaúcha e Vale dos Sinos vivem uma contradição relevante: são algumas das regiões mais prósperas do Sul do Brasil, com forte vocação empreendedora e cooperativista, mas enfrentam uma educação que ainda não acompanha esse dinamismo.

A formação dos jovens da região segue modelos tradicionais, passivos, desconectados da realidade local e pouco preparados para os desafios de uma economia em transformação acelerada.

Uma **educação transformada** para esta região precisa ser enraizada no território: que dialogue com a cultura da uva e do vinho, com a

indústria metal-mecânica, com o setor coureiro-calçadista, desenvolvimento tecnológico, com o turismo de experiências e que forme líderes comprometidos com o desenvolvimento coletivo. Equilibrar o acadêmico com o prático, fortalecer o senso crítico e estimular o protagonismo não são apenas tendências pedagógicas, são necessidades concretas para que a região mantenha sua competitividade e qualidade de vida nas próximas décadas.

A cocriação entre escola, família, empresas e poder público é o caminho. Não se trata de reformar a educação por dentro das salas de aula, trata-se de reconectar a educação com a vida real da comunidade.

Há ainda uma dimensão que o modelo tradicional ignora completamente: a escola existe para as crianças, mas a formação humana não termina na infância. Em um mundo que muda em velocidade sem precedentes, adultos, pais e famílias inteiras precisam se atualizar, se adaptar e se desenvolver continuamente. A escola do futuro não é apenas para os filhos, é para toda a comunidade.

COMITÊ DO FUTURO

O **Comitê do Futuro** é um espaço permanente de inteligência coletiva, foresight comunitário e provocação estratégica, criado para ampliar a prontidão das comunidades para os futuros possíveis, prováveis e desejáveis, atuando como um órgão consultivo não hierárquico, conectado ao ecossistema regional e orientado ao longo prazo.

Ele nasce como um desdobramento direto da estratégia infinita, coletiva e adaptável construída pela comunidade da Sicredi Pioneira, e não como um fórum interno tradicional. Seu foco não é a cooperativa em si, mas as comunidades e territórios, olhando para impactos sociais, educacionais, econômicos, tecnológicos e ambientais.

O propósito do Comitê do Futuro é garantir perpetuidade com relevância, promovendo:

- Antecipação de cenários e leitura qualificada de temas emergentes
- Curadoria e interpretação coletiva dos achados do Radar de Futuros
- Transformação de dilemas complexos em ações estruturantes, quando pertinente
- Construção de futuras comunidades melhores, com responsabilidade intergeracional

Esse propósito está formalizado na Carta de Princípios e

Governança Dinâmica, que define o Comitê como um Comitê de Foresight Comunitário, comprometido com ética, pluralidade, cuidado com as relações e inteligência coletiva.

A atuação do **Comitê do Futuro** também se alinha aos princípios do Capitalismo Consciente, ao ampliar a perspectiva organizacional para além da lógica de curto prazo e do foco exclusivamente financeiro. Ao considerar os impactos sociais, econômicos e ambientais das decisões presentes sobre os territórios e gerações futuras, o Comitê reforça uma governança orientada a stakeholders e à geração de valor compartilhado. Nesse sentido, o foresight comunitário torna-se uma prática concreta de liderança consciente, fortalecendo a capacidade coletiva de antecipar riscos, identificar oportunidades e sustentar o desenvolvimento regional de forma ética, responsável e interdependente.

RADAR DE FUTUROS

O **Radar de Futuros** é um processo estruturado de foresight estratégico utilizado pelo Comitê do Futuro para monitorar, analisar e interpretar sinais de mudança que podem influenciar o futuro da região onde a cooperativa atua (Serra Gaúcha e Vale dos Sinos).

Ele foi desenvolvido a partir de um trabalho conduzido com representantes de diversos stakeholders da organização, em meados de 2023, cujo objetivo foi identificar tendências, sinais fracos e cisnes negros — elementos que compõem diferentes níveis de incerteza e impacto sobre o futuro.

O **Radar de Futuros** apoia as comunidades em três grandes frentes:



Este estudo tem como base e objetivo aprofundar o achado **Educação Transformada**, identificado no Radar de Futuros da Sicredi Pioneira. Esse achado expressa a percepção coletiva de que o modelo educacional vigente já não responde às exigências do território, nem às transformações sociais, econômicas e tecnológicas em curso.

Educação Transformada não se refere a ajustes incrementais ou à adoção pontual de novas metodologias, mas a uma mudança estrutural na forma como se aprende, se ensina e se relaciona educação com vida real, trabalho, comunidade e desenvolvimento regional.

O achado aponta para a necessidade de uma educação enraizada no território, orientada por competências, conectada às vocações locais e capaz de formar sujeitos críticos, protagonistas e preparados para futuros incertos.

Este estudo parte desse sinal para explorar suas causas profundas, suas implicações sistêmicas e os caminhos possíveis para sua materialização concreta na Serra Gaúcha e no Vale dos Sinos. [Radar de Futuros]

PROBLEMA

O principal problema não é a falta de escolas ou de professores, é a desconexão estrutural entre o que se ensina e o que a região precisa. Esse desalinhamento se manifesta em quatro camadas.

Na aprendizagem: alunos passivos, com baixo senso crítico e dificuldade de aplicar o conhecimento na prática. A dissociação entre teoria e realidade gera desinteresse e alimenta a evasão escolar, que representa um desperdício humano e econômico significativo para a região. Múltiplas fontes de informação sem curadoria levam à perda de referências, enquanto a crescente necessidade de inclusão de neurodivergentes e pessoas com deficiência exige métodos de ensino cada vez mais dinâmicos e adaptáveis.

Na gestão: os municípios não dispõem de sistemas de gestão educacional integrados, o que impede a tomada de decisão baseada em dados. Recursos do Fundeb são aplicados sem visão estratégica de médio e longo prazo, em um cenário de população estudantil decrescente e de demandas educacionais profundamente diferentes das que motivaram a criação desse fundo.

No corpo docente: a carreira de professor perdeu atratividade. Faltam profissionais preparados para metodologias ativas, para a inclusão e para o uso de tecnologia como ferramenta pedagógica

real. Mas há um problema ainda mais profundo: o modelo atual de gestão pública, onde o professor é funcionário com estabilidade e remuneração igualitária independente de desempenho, cria um incentivo perverso que protege o desengajamento e ignora a excelência. Os melhores professores são esquecidos. Os que não performam são intocáveis. O resultado é uma cultura onde não há motivo real para fazer melhor, e onde os que fazem muito são sistematicamente colocados de lado.

No território: a educação da região não conversa com suas vocações econômicas, turismo, agronegócio, indústria, cooperativismo. Os jovens que mais se desenvolvem tendem a migrar, enquanto os que ficam muitas vezes não encontram conexão entre sua formação e as oportunidades locais.

Há ainda uma lacuna que raramente é debatida: a família ficou de fora da escola. O ambiente doméstico é o primeiro e mais permanente espaço de formação humana, mas pais e responsáveis raramente recebem qualquer tipo de suporte para exercer esse papel em um mundo radicalmente diferente daquele em que eles próprios cresceram. Redes sociais, inteligência artificial, novas configurações de trabalho, saúde mental, são desafios para os quais a maioria das famílias não foi preparada e não encontra espaço de aprendizado.

O modelo atual não falhou por falta de recursos ou de boas intenções. Falhou porque foi desenhado para garantir emprego e não para garantir aprendizagem. E falhou também porque limitou a educação a um público, as crianças, quando o desenvolvimento humano é uma necessidade de toda a comunidade.

OBJETIVO

A nossa região **não precisa inventar um novo modelo pedagógico**, precisa ter a inteligência e a coragem de adotar e adaptar o que já foi testado e validado em experiências brasileiras de referência. Modelos como a Lumiar, cujo método está aberto para implementação, o Projeto Âncora de Cotia e a Escola HUB demonstram que é possível transformar estruturalmente a forma como o aprendizado acontece, mantendo rigor, resultados e profunda conexão com a comunidade local.

O objetivo não é criar algo do zero. É trazer para a nossa região o que já funciona, adaptando ao território, à cultura cooperativista e às vocações econômicas da Serra Gaúcha e do Vale dos Sinos, e expandir o conceito de escola para além das crianças, transformando-a em um centro vivo de desenvolvimento humano para toda a comunidade.

Para que essa transformação aconteça de forma sustentável, é

necessário também romper com o modelo de gestão que hoje inviabiliza a excelência docente. Algumas prefeituras brasileiras já encontraram um caminho: a mudança da lei municipal para permitir que instituições especializadas assumam a gestão pedagógica das escolas públicas. Nesse modelo, a prefeitura deixa de ser prestadora de serviço educacional e passa a ser garantidora de acesso à educação de qualidade. A instituição gestora contrata professores no regime privado, com salários competitivos, carreira estruturada por mérito e cultura organizacional voltada para a excelência. O professor que se destaca cresce. O professor que não performa tem consequências reais.

Esse modelo não é uma ameaça aos professores, é a maior defesa dos bons professores que o sistema atual sistematicamente ignora.

No curto prazo (até 2026): realizar visitas técnicas sistematizadas às escolas de referência com educadores, gestores municipais e lideranças regionais. Iniciar negociação formal com a Lumiar para implementação do modelo na região. Constituir o agente transformador dedicado, estruturado como ONG ou organização social, responsável por conduzir o processo de transformação das escolas. Selecionar o município e a escola piloto. Lançar as primeiras experiências de contraturno inovador e as primeiras atividades da Escola da Comunidade.

No médio prazo (até 2028): ter em operação as primeiras Escolas Inovadoras da região, implementadas com base nos modelos validados, servindo como laboratórios vivos e referência para as demais redes municipais. Ter professores formados no novo modelo pedagógico atuando como multiplicadores. Apresentar redução consistente nos índices de evasão escolar. Ter pelo menos um município com lei municipal adaptada para o novo modelo de gestão escolar. Ter a Escola da Comunidade em funcionamento regular em pelo menos cinco municípios da região.

No longo prazo (até 2035): consolidar a Serra Gaúcha e Vale dos Sinos como territórios de referência em educação inovadora e cooperativa, onde o modelo pedagógico transformado já se tornou padrão nas redes municipais, onde a escola é reconhecida como centro de desenvolvimento de toda a comunidade, onde jovens encontram razões concretas para permanecer e contribuir com a região, e onde a educação é reconhecida como motor do desenvolvimento econômico e social local.

OS MODELOS PEDAGÓGICOS DE REFERÊNCIA

A transformação proposta não parte do zero, ela se apoia em

modelos já testados e validados na realidade brasileira, que convergem para os mesmos princípios fundamentais.

Lumiar: criada por Ricardo Semler, é o modelo mais replicável do Brasil justamente porque foi desenhado para isso. Seu método está documentado e aberto para implementação. Organiza o aprendizado em torno de competências, não disciplinas, com professores como mediadores, mestres da comunidade como educadores práticos, e avaliação por portfólio de evidências e não por provas. [lumiaredu.com]

Projeto Âncora, Cotia/SP: considerado uma das escolas mais inovadoras do mundo, une o método Lumiar com as influências de Paulo Freire e da Escola da Ponte de Portugal. Alunos de diferentes idades aprendem juntos, cada um com seu plano de trabalho individual, em profunda conexão com a comunidade local. É uma prova viva de que o modelo funciona na realidade brasileira, inclusive com populações em situação de vulnerabilidade. [institutoancora.org.br], [escoladaponte.pt]

Escola HUB: modelo com forte viés de inovação e empreendedorismo, especialmente relevante para a vocação econômica das regiões aqui citadas. Desenvolve competências do século XXI, criatividade, colaboração, pensamento crítico e comunicação, por meio de projetos com impacto real no mundo, com intensa integração com o ecossistema de negócios e forte cultura de experimentação. [escolahub.com.br]

Os três modelos convergem para os mesmos princípios: aprendizagem por projetos, protagonismo do aluno, professor como mediador, conexão com a comunidade e avaliação por competências. Não é coincidência, é evidência de um caminho que funciona.

POTENCIAIS PROJETOS PARA DESENVOLVIMENTO

O Contraturno como Laboratório de Inovação

Antes de transformar uma escola inteira, é possível e estrategicamente inteligente começar pelo contraturno. Experiências de contraturno inovador permitem provar os novos modelos pedagógicos em ambiente real, com alunos reais, sem a necessidade de romper imediatamente com a estrutura curricular tradicional.

O contraturno oferece um espaço de menor resistência institucional, não ameaça o currículo oficial, não exige mudança imediata dos professores do turno regular e não depende de alterações na lei municipal. Ao mesmo tempo, é suficientemente

real para gerar evidências concretas sobre o que funciona e o que precisa ser ajustado antes de uma implementação mais ampla.

Para os alunos, é uma experiência que muitas vezes reacende o interesse pela escola. Para os professores inovadores, é um espaço de experimentação com liberdade e segurança. Para as famílias, é uma prova visível de que outro tipo de educação é possível. Para os gestores municipais, é uma evidência de resultado antes de qualquer compromisso estrutural mais profundo.

As sessões de contraturno teriam de três a quatro horas, com grupos de alunos de diferentes idades e séries, conduzidas por professores voluntários formados no novo modelo ou por mestres da comunidade, profissionais, artesãos, empreendedores e pesquisadores da região. O conteúdo seria organizado em projetos interdisciplinares conectados às vocações e desafios reais da região, como:

- Desenvolvimento de um produto turístico para a comunidade
- Desafios de inovação em processos da indústria local
- Criação de soluções para problemas ambientais da região
- Desenvolvimento de negócios cooperativos por alunos do Ensino Médio

A avaliação seria feita por portfólio de evidências de aprendizagem. Os alunos documentam seu processo, apresentam resultados para a comunidade e refletem sobre seu próprio desenvolvimento. O espaço pode ser a própria escola reorganizada de forma flexível, mas também empresas parceiras, cooperativas, espaços culturais e ambientes naturais da região, ampliando o conceito de onde o aprendizado pode acontecer.

Cada experiência de contraturno deve ser cuidadosamente documentada pelo Instituto de Inovação Educacional, registrando o engajamento dos alunos, o desenvolvimento de competências observadas, a percepção dos professores envolvidos e o retorno das famílias. Essas evidências serão o argumento mais poderoso para convencer gestores municipais e prefeitos a avançarem para a transformação mais ampla das escolas.

O contraturno não é o destino, é a semente. É onde o novo modelo ganha vida pela primeira vez na região, onde os primeiros professores inovadores se formam na prática, e onde as primeiras histórias de transformação começam a ser contadas.

A Escola da Comunidade

Uma das transformações mais profundas que este projeto propõe é a ampliação do conceito de escola. A escola não é mais apenas para as crianças. Em um mundo que muda em velocidade sem

precedentes, o aprendizado não pode ser um privilégio da infância, ele precisa ser uma prática permanente de toda a comunidade.

A **Escola da Comunidade** é o espaço onde a escola tradicional se abre para as famílias e para a comunidade ao redor, tornando-se um centro vivo de desenvolvimento humano contínuo. Não é um curso noturno improvisado, é uma proposta estruturada de formação para adultos, construída com o mesmo rigor e a mesma inovação pedagógica que se aplica às crianças.

A formação de uma criança não acontece apenas na sala de aula, ela acontece principalmente em casa, nas conversas à mesa, nos hábitos cotidianos, nos valores que os pais transmitem consciente e inconscientemente. Uma escola que transforma seus alunos mas não transforma o ambiente familiar desses alunos está trabalhando contra uma corrente poderosa.

Além disso, os pais de hoje enfrentam desafios para os quais ninguém os preparou. Como lidar com filhos imersos em redes sociais e conteúdos digitais sem curadoria? Como conversar sobre saúde mental em uma geração marcada pela ansiedade? Como exercer autoridade com afeto em uma cultura que mudou profundamente? Como se manter relevante profissionalmente em um mercado de trabalho transformado pela inteligência artificial? A Escola da Comunidade não tem respostas prontas para todas essas perguntas, mas cria o espaço onde essas perguntas podem ser feitas, discutidas e trabalhadas coletivamente.

O que a Escola da Comunidade oferece

Para os pais e responsáveis

- Formação em parentalidade contemporânea, como criar filhos protagonistas, críticos e emocionalmente saudáveis
- Letramento digital e tecnológico, como entender e mediar o uso de redes sociais, jogos e conteúdos digitais pelos filhos
- Saúde mental e bem-estar familiar, como identificar sinais de sofrimento psíquico e criar ambientes domésticos mais saudáveis
- Educação financeira e atualização profissional, como se adaptar a um mercado de trabalho em constante transformação

Para a comunidade em geral

- Formação de lideranças comunitárias
- Capacitação para empreendedores e pequenos negócios locais
- Cultura, história e identidade regional, fortalecimento do sentido de pertencimento ao território
- Aprendizado intergeracional, onde avós, pais e filhos

- aprendem juntos e uns com os outros

Para os próprios alunos

- A presença dos pais na escola como aprendizes muda completamente a relação da criança com o aprendizado. Quando os filhos veem os pais estudando, o estudo deixa de ser uma obrigação imposta e passa a ser um valor vivido.

Como funcionaria na prática

A Escola da Comunidade funcionaria preferencialmente nos espaços físicos da própria escola, à noite, nos finais de semana ou em horários alternativos, aproveitando a infraestrutura já existente e fortalecendo o vínculo da comunidade com esse espaço. Os facilitadores seriam uma combinação de professores da escola formados para o trabalho com adultos, especialistas e profissionais da comunidade, e membros da própria comunidade com saberes a compartilhar, reforçando a lógica dos mestres presente nos modelos pedagógicos de referência. O formato seria predominantemente vivencial e participativo, rodas de conversa, oficinas práticas, grupos de estudo e projetos coletivos, respeitando a realidade e o tempo dos adultos.

O Instituto de Inovação Educacional

A transformação de escolas tradicionais em escolas inovadoras não acontece por decreto. Acontece por um processo cuidadoso, humano e gradual de mudança cultural. Para conduzir esse processo e para estruturar e expandir a Escola da Comunidade, este projeto propõe a criação de um agente transformador dedicado, uma organização independente estruturada como ONG ou organização social, com missão de apoiar escolas e comunidades da região nessa transformação.

Uma organização independente garante continuidade além dos ciclos eleitorais, neutralidade política para atuar em múltiplos municípios, credibilidade junto às escolas por não ser percebida como imposição do poder público, e flexibilidade operacional para contratar, experimentar e adaptar com agilidade.

O processo de transformação das escolas

Fase 1 — Diagnóstico e Acolhimento (3 a 6 meses): antes de qualquer mudança, é preciso entrar na escola com escuta e não com imposição. Essa fase envolve o mapeamento do perfil dos professores, o diagnóstico da estrutura física e dos recursos disponíveis, a identificação dos professores com maior abertura à inovação como agentes internos de mudança, e a construção de um vínculo de confiança com a direção e o corpo docente.

Fase 2 — Formação e Capacitação dos Professores (6 a 12 meses): o professor precisa vivenciar o novo modelo antes de

aplicá-lo. Essa fase inclui imersões nas escolas de referência, formação em metodologias ativas, laboratórios de prática onde os próprios professores aprendem como alunos do novo modelo, mentorias individuais e em grupo, e a criação de uma comunidade de prática regional onde professores inovadores da Serra e Sinos se apoiam mutuamente. O suporte emocional é parte essencial, pois mudança de identidade profissional é um processo intenso.

Fase 3 — Transformação Física dos Espaços (paralela à Fase 2): o espaço físico comunica o modelo pedagógico. Uma sala com carteiras enfileiradas voltadas para o quadro diz ao aluno: fique quieto e receba o conhecimento. Essa fase promove a criação de espaços flexíveis e multiuso, aproveitamento de ambientes externos como sala de aula, paredes como superfícies de aprendizagem e, onde houver recursos, laboratórios de tecnologia e realidade virtual. Muitas dessas mudanças não exigem reformas caras, exigem reorganização inteligente e criativa dos espaços existentes.

Fase 4 — Implementação Gradual do Novo Modelo (12 a 24 meses): a transformação começa no contraturno, avança para uma turma piloto e vai se expandindo em ondas até tomar a escola inteira. Em paralelo, a Escola da Comunidade começa a funcionar nos mesmos espaços nos horários alternativos, integrando famílias e comunidade ao processo de transformação.

Fase 5 — Autonomia e Multiplicação (a partir do 3º ano): o objetivo final não é a dependência do Instituto, é que a escola internalize o modelo e se torne ela mesma uma multiplicadora. A escola inovadora passa a receber visitas de outras escolas da região. Professores formados tornam-se mentores. A Escola da Comunidade passa a ser gerida pela própria comunidade. O Instituto avança para a próxima escola com o aprendizado acumulado.

Estratégia de expansão

- Ano 1: contraturno inovador e Escola da Comunidade em 3 a 5 escolas piloto
- Ano 1-2: primeira escola em transformação completa
- Ano 2-3: 3 escolas em transformação e Escola da Comunidade em 5 municípios
- Ano 3-5: 10 escolas na rede inovadora
- Ano 5-10: rede regional consolidada, escolas inovadoras e comunidades em desenvolvimento contínuo

O Novo Modelo de Gestão Escolar

Para que a transformação pedagógica seja sustentável, é necessário também transformar o modelo de gestão. A proposta é que os municípios parceiros adaptem suas leis municipais para permitir que o Instituto ou outra instituição especializada assuma a

gestão pedagógica e administrativa das escolas inovadoras, contratando professores no regime privado.

Nesse modelo, a prefeitura assume um novo papel: financia e fiscaliza, garantindo acesso universal e definindo as metas educacionais esperadas. A instituição gestora executa, com autonomia para contratar, remunerar por mérito, inovar pedagogicamente e responder por resultados.

O novo modelo de carreira docente

A carreira do professor nessas escolas será estruturada em níveis de desenvolvimento, de professor iniciante a professor mentor, com progressão baseada no desenvolvimento de competências documentadas, na avaliação por alunos, famílias e pares, nos resultados de aprendizagem das turmas e na contribuição para a cultura da escola. Cada nível representa um salário significativamente superior ao anterior.

Além da remuneração, o reconhecimento se dá por autonomia crescente, protagonismo no desenvolvimento do currículo, mentoria de novos professores com remuneração adicional e participação em visitas a escolas de referência como parte do desenvolvimento profissional contínuo.

O professor que realmente quer ensinar, que hoje vive a frustração de ver seu esforço ignorado enquanto o colega desengajado é protegido pelo sistema, finalmente terá um ambiente onde vale a pena ser excelente.

A transição dos professores atuais

Os professores concursados que hoje atuam nas escolas em transformação terão a opção de migrar voluntariamente para o novo modelo. Quem optar por não migrar permanece no sistema público até a aposentadoria, em outras funções. Nenhuma transição será imposta, mas todas serão incentivadas.

Intervenções Propostas

1. Criação do Instituto de Inovação Educacional: constituição da organização independente responsável por conduzir todo o processo de transformação educacional da região. O Instituto será o agente executor e articulador de todas as demais intervenções propostas, do contraturno inovador à Escola da Comunidade, da formação de professores à expansão da rede de escolas inovadoras. É a intervenção que viabiliza todas as outras.

2. Programa de Contraturno Inovador: lançamento de experiências de aprendizagem inovadora no contraturno em escolas piloto da região, usando os modelos Lumiar, Projeto Âncora e Escola HUB como referência. O contraturno funciona como laboratório de validação do novo modelo pedagógico antes

de sua implementação integral nas escolas, gerando evidências concretas de resultado e formando os primeiros professores inovadores da região.

3. Escola da Comunidade: abertura das escolas da região para além das crianças, transformando-as em centros de desenvolvimento humano contínuo para famílias e comunidade. Oferece formação em parentalidade contemporânea, letramento digital, saúde mental, educação financeira e atualização profissional para adultos, além de espaços de aprendizado intergeracional onde diferentes faixas etárias aprendem juntas.

4. Programa de Transformação de Escolas: processo estruturado e gradual de transformação pedagógica, física e cultural das escolas da região, conduzido pelo Instituto. Passa pelo diagnóstico e acolhimento dos professores, formação em metodologias ativas, reorganização dos espaços físicos e implementação progressiva do novo modelo, começando pelo contraturno e expandindo até a escola inteira.

5. Novo Modelo de Gestão Escolar: apoio à adaptação das leis municipais para permitir que o Instituto assuma a gestão pedagógica de escolas públicas selecionadas, com contratação de professores no regime privado, carreira estruturada por mérito e remuneração competitiva. Transforma a prefeitura de prestadora de serviço educacional em garantidora de acesso à educação de qualidade.

6. Sistema de Gestão Educacional nos Municípios: implantação de sistemas integrados de gestão educacional nas redes municipais, permitindo a obtenção de dados, indicadores e a tomada de decisão baseada em evidências. Condição básica para a gestão estratégica da educação regional e para a captação de mais recursos para a área.

7. Projeto de Lei para Aplicação Inteligente dos Recursos do Fundeb: proposta de alteração do Fundeb para permitir uma utilização mais consciente e estratégica dos recursos, com foco nas demandas futuras da educação e na realidade de uma população estudantil decrescente na região.